



Eixo Temático: 10 - Aprendizagem na educação básica: desafios e perspectivas curriculares

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE

Leila Aparecida de Ataidés¹

Sílvia Fabiana Fortes Hedlund²

Introdução

Ler é uma das maneiras mais instigantes de conhecer o mundo e refletir sobre ele. Porém, como estimular o hábito da leitura em tempos de pandemia, quando o aluno está distante da escola? Buscando resolver essa questão, esse trabalho tem como objetivo efetivar a prática da leitura, de modo que o aluno possa estabelecer relações entre o texto e suas vivências.

Inúmeras preocupações permeiam a vida dos professores e a preocupação com a leitura, ou mais precisamente, com a falta dela, é a mais recorrente. Sabe-se que ao descobrir o vasto mundo literário a criança se deixa seduzir por ele e durante alguns anos a grande maioria se torna um habitante dessas terras fantásticas e faz do livro um companheiro de aventuras. Mas, quando a infância dá lugar à adolescência alguns amigos vão sendo, aos poucos, substituídos e o livro está entre os primeiros da lista.

Isso acontece porque os hábitos também são passíveis de mudança, também podem ser substituídos e o hábito da leitura não foge à regra. Como se explica que uma criança leitora, de repente, já não leia um único livro durante meses? É que não foi tão de repente assim. Enquanto a criança está no Ensino Fundamental I o acompanhamento dos pais e a preocupação dos professores para que ela adquira o hábito de ler é um trabalho conjunto que dá bons resultados. No entanto, com o passar dos anos, a criança vai crescendo, assumindo maiores responsabilidades e, paulatinamente, o professor vai ficando sozinho nesse fazer.

Os pais acreditam que a partir de uma certa idade não é preciso ler com seus filhos ou ler para seus filhos e vão deixando também, a escolha do que ler a cargo deles, alguns seguem leitores. Outros, porém, se perdem quando se veem sozinhos, com tantas opções de lazer para escolher, os jovens leitores acabam deixando que o livro caia no ostracismo. Então, mais uma

1 Formada em Letras-Português na Unijuí, professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ijuí.

2 Formada em Letras-Inglês na Unijuí, professora de Língua Inglesa da Rede Municipal de Ijuí.



vez, a escola precisa tomar para si a tarefa de orientar e encaminhar atividades que resgatem o hábito da leitura.

Formar sujeitos sociais, leitores da realidade em que se inserem e capazes de usar a leitura como instrumento indispensável à sua participação na construção do mundo histórico e cultural, implica garantir uma ação educacional voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, da sua capacidade de interpretar construções simbólicas, de modo que este se torne capaz de ler e pronunciar o mundo. (FREIRE, 1982, p.60)

É na sala de aula que a magia acontece, porque quando se fala de leitura é disso que se trata, da mágica das palavras que ao adquirirem diferentes significados é como se ganhassem vida própria e falassem em particular com cada aluno que ouve a história sendo contada ou lida pelo professor. Esse é mais um hábito que tende a ser substituído, porque os alunos crescem. Ledo engano, mesmo maiores, os alunos apreciam quando o professor lê para eles, sentem-se especiais, únicos, pois é um momento de descontração em que a voz do professor os guia para além da sala de aula. E essa relação entre professor e aluno, que se estabelece a partir de atividades como essa são tão importantes para a aprendizagem do estudante quanto para o fortalecimento da prática pedagógica do docente.

Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 1997, p.19)

Para esses momentos são necessárias leituras que estabeleçam conexões com a vida real, com o cotidiano dos alunos para que possam estabelecer relações e, por consequência se tornarem sujeitos de sua aprendizagem. Nesse caso, a Coleção Vagalume possui algumas obras que podem ser usadas para esse fim, são livros que apresentam enredos curtos, com personagens cujas características levam os alunos a se identificar com eles, seja por se julgarem parecidos ou por relacioná-los com alguém que conhecem.

Para além das relações com sua vida, é necessário levar o aluno a produzir sentido a partir de suas leituras. E o livro *O grito do hip hop*, uma novela infanto-juvenil, publicado em 2004, dos autores Luiz Puntel e Fátima Chaguri traz algumas questões que aproximam o enredo da realidade vivenciada pelos alunos das escolas públicas da cidade de Ijuí, localizada no interior do Rio Grande do Sul. Mesmo que na obra a história seja ambientada em São Paulo, capital, narrando a vida de alguns jovens da periferia, o fato de Ijuí ser uma cidade em



vertiginoso crescimento, principalmente no que concerne à criminalidade, há a possibilidade de estabelecer relações entre o literário e o real

Leitura para além do hábito

Pode parecer prepotência comparar Ijuí, uma cidade de aproximadamente 83 mil habitantes a uma metrópole como São Paulo, porém as mazelas sociais são comuns às duas cidades. E quando facções criminosas passam a ocupar as páginas policiais com frequência, sendo responsabilizadas por crimes bárbaros contra jovens ijuienses, tem-se a impressão de estar vivendo o medo e a insegurança das grandes cidades.

Em 2019 as manchetes passaram a descrever um cenário de horror que abalou a comunidade. E os números continuam mostrando que o crime organizado se estabeleceu na cidade. De acordo com o portal de notícias da Gaúcha ZH “Ijuí sofreu uma mudança de patamar nos últimos anos: enquanto entre 2014 e 2018 a média anual era de 6 CVLIs³, em 2019 essa marca saltou para 15 vítimas, e até junho de 2020, já foram registradas 13 mortes violentas na cidade.”

No ano de 2020 os crimes continuam pululando nas páginas dos jornais, sejam eles impressos ou online. As atrocidades vão desde extorsões, incêndios a assassinatos. E os alunos vivenciam essa onda de violência, não raro as vítimas são conhecidas de algum deles ou de um membro da família.

Diante disso, essas questões precisam ser discutidas. E que melhor maneira de instigar a discussão do tema do que a partir de um enredo que, ao mesmo tempo em que se distancia do aluno porque os personagens são fictícios, se aproxima porque o leva a se identificar com os mesmos, pois o lembram de situações vivenciadas por eles, direta ou indiretamente. Dessa forma, o incentivo à leitura é ampliado para além da formação do hábito. Ele converge para o olhar que o aluno lança para o lugar onde vive e o leva a refletir sobre como transformar suas atitudes através de pequenas mudanças que, gradualmente, podem conduzi-lo a uma vida distante da marginalidade.

Conhecendo o enredo

O movimento Hip Hop caracteriza-se por ser um movimento representativo das camadas oprimidas da sociedade. Na obra *O grito do hip hop* esse movimento adquire um

3 Crimes Violentos Letais Intencionais



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

papel significativo, pois é tido como um meio de denúncia pelo qual a comunidade denuncia a falta de políticas públicas nas periferias. Os problemas enfrentados pela comunidade como desemprego, falta de atendimento médico adequado, preconceito são velhos conhecidos do brasileiro pobre. Independente de morar em São Paulo ou em Ijuí, os desmazelos são recorrentes e sobreviver se torna um desafio.

[...] Se a escola conseguir simular, nas atividades de leitura que patrocina, a circulação social que elas têm fora do âmbito escolar, há uma possibilidade extremamente concreta de que essas atividades adquiram o sentido de que elas precisam ter extramuros da escola e não se encerra com as atividades que se encerram no final do ano letivo (LAJOLO; ZILBERMAM, 1996, p.121).

O personagem principal da história é um adolescente órfão, morador da favela que estuda a noite e trabalha durante o dia para ajudar a mãe e a irmã com as despesas da casa. Seu nome é Antônio Clodoaldo, o Toninho, um pichador que ao longo da trama toma consciência de que é um artista desperdiçando seu talento com o picho e se revela um ótimo grafiteiro. Mas, até atingir essa maturidade ele sofre com o preconceito por ser morador da favela, por ser pichador e, acima de tudo, sofre com a morte dos amigos que, na ânsia de ganhar dinheiro e garantir a sobrevivência, são mortos durante assaltos ou ainda por criminosos que comandam o tráfico.

O sofrimento do personagem sensibiliza os alunos e os leva a vê-lo como um deles. Toninho é bom filho, é trabalhador e querido na comunidade onde vive. Ele não muda sozinho, sem ajuda, pelo contrário, sua mãe é uma mulher presente nas lutas da comunidade, sofrida, batalhadora, que o aconselha sempre que julga necessário, sua irmã é uma jovem responsável que desempenha com excelência o papel de irmã mais velha. O menino também conta com o apoio de um líder comunitário e de Laura, uma arquiteta que o contrata depois que ele é despedido porque seu empregador descobre que o garoto é pichador.

E há também o tímido apoio dos professores, que tocados pela luta diária de jovens cuja única preocupação deveria ser com os estudos, aos poucos vão cedendo espaço para discussão, debate e interação. Como na passagem em que um professor falta e a turma aproveita a aula para falar do quão importante é o movimento hip hop na comunidade e fazer uma homenagem ao colega que havia sido aliciado pelo crime organizado e morrera em um assalto malsucedido. Nesse momento, a sensibilidade da diretora chama a atenção do leitor. “Na porta, a diretora, avisada para colocar ordem na classe, já que o barulho atrapalhava as



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

salas vizinhas, estava estática. Não chamou a atenção do grupo. Pelo contrário, emocionada com a manifestação dos alunos, preferiu não interferir.” (p. 122)

Um leitor mais atento também vai perceber a crítica feita ao fato de que os professores não conhecem a comunidade onde vivem seus alunos. E esse desconhecimento causa um afastamento entre eles, porque o conteúdo programático não tem significado para os alunos, não se aproxima da realidade deles, o que os leva a se afastar da escola, única oportunidade para a maioria viver com um pouco mais de dignidade.

A aula terminou meia hora depois. Na caderneta do professor, ficaram princesa Isabel e a Lei Áurea. Não ficou a história dos quilombos, centros de resistência negra dos escravos fugitivos. No recreio, os alunos aproveitaram o portão destrancado e fugiram da escola para irem assistir ao ensaio do grupo de rap. (PUNTEL;CHAGURI,2004, p.60).

Outro fator que merece destaque na obra são as músicas escolhidas para representar o rap, um dos elementos do Hip Hop. A escolha não foi feita de forma aleatória, os fragmentos trazidos pelos autores têm a missão de representar a realidade dos personagens, e com isso levam o leitor a questionar a sua, e como o público alvo em questão são adolescentes, esse questionamento é importante porque os faz sentir necessidade de agir sobre ela. Mesmo que, num primeiro momento, essa ação seja “apenas” deixar de ouvir músicas que fazem apologia à violência e às drogas. Essa preocupação fica clara na página 72, que traz o seguinte fragmento de uma música intitulada ‘Tráfico de ideias’: “Nosso objetivo é transmitir a real,/ com fortes argumentos, manos evoluídos,/ pacifistas originais, é nosso estilo,/ tráfico de ideias, intelectuais/ Poder da expressão! Vem, chega mais! Abra sua mente, solte a rima certa”. Para corroborar essa questão, Castells coloca que

Para atores sociais excluídos ou que tenham oferecido resistências à individualização da identidade relacionada à vida nas redes globais de riqueza e poder, as comunas culturais, de cunho religioso, nacional e territorial, parecem ser a principal alternativa para a construção de significados em nossa sociedade. (...) Desde o princípio, constituem identidades defensivas que servem de refúgio e são fontes de solidariedade, como forma de proteção contra um mundo externo hostil. (CASTELLS, 1999, p.84).

É disso que o jovem sente falta, de um lugar na comunidade que o acolha, onde ele encontre seus pares e juntos possam formar a resistência. Pois para resistir ao apelo da criminalidade é necessário estarem unidos em prol de um objetivo comum, cujo maior



beneficiário seja o futuro do adolescente que não tem vez em nossa sociedade e ainda não descobriu o poder de sua voz.

Considerações finais

O trabalho de análise do livro *O grito do hip hop* desenvolvido com as turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II possibilitou aos alunos uma leitura crítica da realidade na qual estão inseridos. Visto que aqueles que não a vivem, convivem com a mesma, pois em uma cidade pequena como Ijuí não há como se alienar e fazer de conta que não sabe o que acontece nos bairros de periferia.

Em contrapartida, aos professores possibilitou conhecer as vivências que contribuem para a formação da identidade de seu aluno. Assim como, saber o que os alunos pensam a respeito da cidade onde vivem, como veem esse lugar que faz parte da história de suas famílias, muitas das quais aqui se estabeleceram no final do século XIX, quando se deu o início do povoamento de Ijuí.

Nesse processo, professor e aluno descobriram novas formas de ensinar e aprender. E, os educandos, na sua inocência tão própria da idade, ao serem questionados sobre o que poderia ser feito em Ijuí para evitar o ingresso dos jovens na criminalidade, responderam que investir mais em educação seria o caminho. Acredita-se com isso que o professor cumpriu o seu papel ao trabalhar a obra *O grito do hip hop*, levou os alunos a reconhecerem a importância da educação na busca por uma vida digna e pelo bem da sociedade. E fez isso através da leitura, ou seja, propiciou a integração entre o aluno e o objeto estudado, gerando reflexão.

Referências

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Bradini Gerhardt.- Ed. Paz e Terra, São Paulo- SP. 1999.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 6. Ed. Paz e Terra, 1982.

GZH. Programa de combate à criminalidade no RS ganha mais cinco municípios prioritários. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/07/programa-de-combate-a-criminalidade-no-rs-ganha-mais-cinco-municipios-prioritarios->



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

[ckc3wj28h000w014ym9x2a133.html#:~:text=O%20grupo%20de%20munic%C3%ADpios%20priorit%C3%A1rios,%2C%20Farroupilha%2C%20Iju%C3%AD%20e%20Lajeado.](https://www.unijui.br/portal/ckc3wj28h000w014ym9x2a133.html#:~:text=O%20grupo%20de%20munic%C3%ADpios%20priorit%C3%A1rios,%2C%20Farroupilha%2C%20Iju%C3%AD%20e%20Lajeado.)
Acesso em 06/10/2020.

LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

PUNTEL, Luiz, CHAGURI, Fátima. **O grito do hip hop**. São Paulo: Ática, 2004.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Realidade. Sala de aula. Vivências.